



Maryse Condé e Yanick Lahens como vozes femininas antilhanas: resistência, construção e transgressão

Maryse Condé and Yanick Lahens as Female Voices from the Antilles: Resistance, Construction and Transgression

Josilene Pinheiro-Mariz

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba / Brasil
jsmariz22@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-4879-579X>

Resumo: As letras antilhanas de língua francesa são a marca de uma literatura reveladora de denúncia, migração, resistência. Essa literatura, nas vozes de escritoras, representa contemporaneamente a singularidade de uma vasta região de língua francesa no continente americano que tem características peculiares e, ao mesmo tempo, similares, particularmente, quando pensada a língua francesa e seus traços culturais. Considerando esse contexto, damos destaque ao pensamento de escritoras antilhanas e evidenciamos duas autoras de obras literárias e reconhecidas pensadoras da cultura/literatura (CONDÉ, 1993, 2013; LAHENS, 2019) como forma de pôr em relevo o pensamento feminino enquanto alicerce importante para se pensar a produção literária de países de língua francesa no continente da América Central.

Palavras-chave: escritoras; Antilhas; Maryse Condé; Yanick Lahens.

Abstract: French-language writing from the Antilles is the hallmark of a literature that reveals denunciation, migration and resistance. This literature, in the voices of female writers, currently represents the uniqueness of a vast French-speaking region on the American continent that has peculiar and, at the same time, similar characteristics, particularly when considering the French language and its cultural traits. Considering this context, we highlight the thought of Antillean female writers, especially two authors of literary works and recognized thinkers of culture/literature (CONDÉ, 1993, 2013; LAHENS, 2019) as a way to highlight female thought as an important foundation for thinking about the literary production of French-speaking countries on the continent of Central America.

Keywords: writers; Antilles; Maryse Condé; Yanick Lahens.

1 Introdução

Chegando ao final deste primeiro vintênio do século XXI, discutir sobre o lugar da mulher nas sociedades poderia parecer desproposital uma vez que esse é um tema de conferências em diversos espaços mundo a fora. Ora, se pensar que o lugar da mulher, enquanto “atriz” social configura-se em um debate datando de alguns séculos, o que se dizer, então, de alguns ambientes tradicionalmente ocupados por ela, tais como o de escritora? Nesse âmbito, estaria, por assim dizer, um dos principais comportamentos femininos, a transgressão; o que provavelmente constitui-se no elemento mais temível de alguns grupos sociais, dado o fato de ser também uma conduta audaciosa. Nesse percurso, o lugar da mulher escritora também tem sido alvo de estudos de diversas áreas, sobretudo na Literatura, mas também na Sociologia e na Antropologia, além do domínio do Direito e da Filosofia e em outros campos do conhecimento.

Neste artigo, gostaríamos de trazer uma contribuição para os estudos das letras antilhanas escritas no feminino, evidenciando o pensamento de escritoras; esse estudo é precedido por um panorama da produção literária, nomeadamente feminina, da região e busca ainda apresentar subsídios para os estudos críticos dessa literatura. Ressaltamos, no entanto, que tomaremos uma noção de Antilhas que abraça também o Haiti, muito embora costume-se nomear apenas Guadalupe e Martinica com esse termo. Todavia, a concepção de ‘antilhano’ não é uma palavra que guarde em si passividade, é o que afirma Chancé (2005), ao ponderar sobre as delimitações geográficas ligadas à noção de Caribe: “De um ponto de vista mais convencional, o Caribe se reduz às pequenas e grandes Antilhas, às ilhas holandesas, Aruba, Bonaire e Curaçao e às duas Guianas” (CHANCÉ, 2005, p. 7).¹ Tendo em vista essa extensão territorial, não é inusitado pensar a respeito de todas as particularidades latentes nesse espaço no que concerne, por exemplo, às questões linguísticas e culturais, políticas e econômicas e, particularmente, sociais. “Conseqüentemente, nem a definição objetiva das Antilhas, nem a consciência de serem antilhanas são evidentes para essas das ilhas do

¹ Todas as traduções são de nossa autoria, salvo menção contrária.

D’un point de vue conventionnel, la Caraïbe se réduit aux petites et grandes Antilles, aux îles néerlandaises, Aruba, Bonaire et Curaçao, et aux deux Guyanes. (CHANCÉ, 2005, p. 7).

Caribe” (CHANCÉ, 2005, p. 7).² Assim, não é raro identificar na produção literária da região uma literatura que reflete especificidades dessas Ilhas.

A partir dessa contextualização geográfica, inicialmente, apresentamos alguns elementos da literatura antilhana de língua francesa, levando em consideração que se trata de uma importante forma de situar as nossas discussões. É interessante acentuar que utilizaremos a expressão letras antilhanas de língua francesa, a fim de evitar toda a discussão que subjaz no termo “literatura francófona”, que aponta para um debate sobre o qual já há diversas contribuições. Na sequência, trazemos apontamentos sobre as literaturas de língua francesa produzidas no Caribe, notabilizando autoras que escrevem as primeiras páginas da história de resistência da escrita feminina e que, por diversas razões, foram esquecidas ou, simplesmente, deixadas de lado pelos antologistas; na sua maioria, homens. Sublinhamos as irmãs Nardal, feministas dos primeiros anos do século XX e também evocaremos outras autoras que contribuíram para a construção de uma literatura antilhana ‘no feminino’ como se conhece contemporaneamente, tendo-se em conta Suzanne Césaire e Mayotte Capécia, Michele Lacrosil e Jacqueline Manicom, dentre outras.

Nesse universo, duas escritoras são fundamentais para se compreender e estudar as literaturas das Antilhas, pensando-se nas Grandes e Pequenas Antilhas: a guadalupense Maryse Condé e a haitiana Yanick Lahens. A primeira pode ser considerada a principal escritora antilhana de língua francesa que em 2018 obteve reconhecimento pelo conjunto de sua produção literária com o Prêmio Nobel Alternativo. A segunda inaugurou a cátedra anual *Mundos Francófonos*, no Collège de France (2018-2019) e tem uma escrita que simboliza a grandeza da literatura antilhana no feminino, sendo já premiada com o *Prix Femina* 2014.

Nestas reflexões de base bibliográfica e documental, buscamos resgatar as vozes femininas das Antilhas de língua francesa, considerando a sua importância, que revelam um engajamento social, datando de quase um século de lutas e, por conseguinte, de ‘escrevivências’ e ‘sobrevivências’ partilhadas. Optamos por trazer ponderações a respeito do pensamento dessas escritoras, porquanto entendemos que as contribuições de Maryse Condé e de Yanick Lahens podem ser basilares

² Par conséquent, ni la définition objective des Antilles, ni la conscience d’être antillaises, ne sont une évidence pour ces îles de la Caraïbe (CHANCÉ, 2005, p. 7).

para se compreender melhor a literatura não somente de escritoras dessa região geográfica, mas de qualquer outro espaço.

2 As letras antilhanas de língua francesa

A literatura produzida em língua francesa nas ditas Antilhas francesas apresenta características semelhantes às de outros países colonizados pelos franceses; no entanto, cabe lembrar que seu nascimento se deu a partir das histórias dos békés, colonos de origem francesa que viviam nas ilhas. É perceptível que, ao longo de séculos, essa literatura tenha apresentado uma significativa autoria branca em relação à quantidade de negros da população local. Esse fato não é exclusivo das Antilhas, pois tal comportamento pode ser devido ao sistema escravagista instalado no continente americano a partir do século XVII.

Ao longo da História, a língua/cultura béké se opunha à crioula, uma vez que esta última consistia em uma língua exclusivamente oral e pertencente aos escravizados. Por essa razão, na questão linguística, enquanto material para a produção literária, ancora-se uma das mais instigantes e frutuosas discussões sobre as literaturas antilhanas, haja vista que enquanto marca da diáspora africana, a tradição oral é trazida para essas ilhas da América Central, promovendo, assim, o encontro com a língua escrita do europeu, seja de língua francesa, inglesa ou espanhola, dando origem às línguas faladas por uma parte considerável da população antilhana, as línguas crioulas. Considerando as peculiaridades dessas línguas, é significativo fazer a ressalva sobre a diversidade do crioulo falado nas distintas ilhas de origens europeias, incluindo-se além dos supracitados países, a Holanda, Suécia e Dinamarca.³

A produção literária de békés intensificou-se no início do século XIX, logo após a Revolução Francesa. O tema recorrente nessa produção literária era o da alegria de viver na ilha, mostrando as pitorescas paisagens de trabalho, como as plantações de cana-de-açúcar. Esses békés, que temiam a política abolicionista em andamento na França, dirigiram sua produção ao público francês, a fim de seduzi-los na qualidade de partidários. Eles assumiram “a liderança propagando, através da literatura, os benefícios da escravidão [...]”; daí o surgimento

³ Destaque-se que na origem da palavra Antilhas está a língua portuguesa: “ante ilhas”, segundo o historiador Jacques Heers (1991, p. 117).

repentino de obras que exaltam os méritos da aristocracia insular que garante a ‘civilização’ diante da ‘barbárie’ dos negros” (SEMUIJANGA, 2006, p. 28).⁴ Após o fim do sistema escravista em 1848, uma nova temática é delineada nas ilhas, abordada pelos brancos, negros e mestiços; trata-se do mito das Antilhas felizes, que tem seu apogeu em Paris, em uma exposição sobre o tema, em 1945. Segundo Semujanga, (2006, p. 28) “esta literatura exalta a vida feliz dos habitantes das ilhas que vivem em harmonia entre si, graças à língua e às culturas francesas”.⁵ Certamente, essa harmonia é questionável, porque, após anos de escravidão, não nos parece óbvio que poderia haver relações interpessoais harmoniosas entre os habitantes das ilhas, considerando os lados opostos: colonizador e escravizado.

No entanto, naquela época, o povo antilhano já exigia mais autonomia política e, como consequência, a literária. Durante a afirmação de uma literatura antilhana em língua francesa, ainda é possível testemunhar, nos anos de 1980, a uma luta pela ‘Criolidade’, de acordo com os martiniquenses Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant, a partir de suas *Lettres Créoles* (1999), um texto que provocou diversas reações entre seus compatriotas, mas que tem um papel basilar para a noção de ‘oralitura’ tão forte nas letras antilhanas.

3 Vozes femininas na construção da literatura antilhana

Observa-se ao longo de toda a história da literatura das Antilhas que a presença das letras de mulheres é notavelmente discreta, o que não significa que seja invisível. De fato, Maryse Condé nos aponta no ensaio *La parole des femmes* (1993 [1979])⁶ que nesse espaço geográfico existe uma produção feminina e enfatiza o papel das romancistas antilhanas ao reforçar que: “seria um erro procurar entre as romancistas antilhanas o eco estridente das reivindicações feministas. O protesto, pode-se até

⁴ [...] les devants en faisant la propagande, par le biais de la littérature, des bienfaits de l’esclavage [...] ; d’où l’apparition coup sur des œuvres qui vantent les mérites de l’aristocratie insulaire garante de la ‘civilisation’ face à la ‘barbarie’ des Noirs. (SEMUIJANGA, 2006, p. 28).

⁵ Cette littérature vante la vie heureuse des habitants des îles vivant en harmonie les uns avec les autres grâce à la langue et les cultures françaises. (SEMUIJANGA, 2006, p. 28).

⁶ *A fala das mulheres* seria uma tradução para esse texto ainda não traduzido para o português.

mesmo dizer a contestação que eles transmitem, porém é mais matizada” (CONDÉ, 1993 [1979], p. 44).⁷ De acordo com a observação de Condé, isso não significa que as reivindicações sejam inexistentes, talvez sejam obliteradas, por assim dizer, o que resulta em desafios reais no tocante a alguns aspectos específicos das mulheres, como a maternidade, tema recorrente nos romances, bem como morte, vida, realidade e imaginação, religiosidade, amor e natureza, conforme descreve ao longo de todo esse supracitado ensaio.

A produção das escritoras antilhanas, sob o olhar de Adamson (1997), tem o tom e o ritmo dos mitos antigos. “Elas falam cada vez menos de alienação colonial e, mais explicitamente, retratam as preocupações de suas vidas tais como estão sendo vividas” (ADAMSON, 1997, p. 9).⁸ Uma obra que complementa a de Maryse Condé é publicada com o título *Elles Écrivent des Antilles* (RINNE; VITIELLO-YEWELL, 1997), que reúne escritoras dessas ilhas e, no seu conjunto, podem ser encontrados estudos sobre obras de mulheres cujas características são a riqueza e a diversidade literária que mesmo sendo bastante diversificada, tem características próprias às individualidades.

Nosso foco é os dois países: Haiti e Guadalupe. Entretanto, se consideramos a Martinica e a Guiana, ampliamos para o mar do Caribe e, então, é possível encontrar dezenas de escritoras de expressivas obras literárias, a exemplo de Alice Hyppolite, Maude Paultre Fontus, Nadine Magloire, Edwidge Danticat, Janine Tavernier, Marie-Soeurette Mathieu, Elvire Maurouard, Elsie Suréna, Michèle Voltaire Marcelin, Mona Guérin, Geneviève Gaillard-Vanté, Émilie Franz, Suzanne Comhaire-Sylvain, Myriam J.A. Chancy, Nicole Cage-Florentiny, Mayotte Capécia, Ina Césaire, Suzanne Césaire, Suzanne Dracius, Marie-Reine de Jaham, Mireille Jean-Gilles, Fabienne Kanor, Julienne Salvat, Dany Bébel-Gisler, Maryse Condé, Gerty Dambury, Dominique Deblaine, Lucie Julia, Michèle Lacrosil, Michèle Montantin, Gisèle Pineau, Marie-Noëlle Recoque, Simone Schwarz-Bart, Simone Sow,

⁷ ce serait une erreur de chercher chez les romancières antillaises, l'écho strident des revendications féministes. La protestation, on peut même dire la contestation qu'elles véhiculent, cependant est plus nuancée » (CONDE, 1993 [1979], p. 44).

⁸ Elles parlent de moins en moins d'aliénation coloniale, et plus explicitement, elles dépeignent les préoccupations de leurs vies, telles qu'elles sont en train de la vivre » (ADAMSON, 1997, p. 9).

Sylviane Telchid, Myriam Warner-Vieyra, Françoise Loe-Mie, Lyne-Marie Stanley, Sylviane Vayaboury, Christiane Taubira. Sem a intenção de ser fatigante, entendemos ser necessário exemplificar que a produção dessas escritoras é uma realidade.

O país de maior produção de obras de língua francesa é o Haiti. Isso pode ser o resultado de uma luta histórica que tem seu início ainda nos primórdios do século XIX, com a independência do país, ao passo que os outros são ainda DOM (departamentos ultramarinos), isto é: são a França nas Américas. A História de luta pela independência é um dos principais motes da sua literatura, sendo uma constante e real necessidade de reconhecimento e de respeito. Outro argumento sempre presente nessa literatura é a geografia e tudo o que está ligado a ela, a exemplo da sua localização geológica de falhas, alimentando a ficção de diversos escritores e escritoras.

Enquanto a literatura do Haiti tem uma produção em língua francesa largamente maior que a dos outros países da região, as autoras martiniquenses, guadalupenses e guianesas também produzem em afinidades com as literaturas hispânicas, o que nos leva a identificar o “maravilhoso realismo haitiano” ou “realismo mágico”, resultando no principal elemento de estudo das literaturas antilhanas, pois têm uma relação bastante significativa com os elementos da natureza, ligados ao telúrico.

Este realismo mágico e maravilhoso é encontrado no Oceano Atlântico através da natureza, da religiosidade e de elementos culturais. Esse é indubitavelmente o caso da escritora guadalupense Simone Schwarz-Bart, uma das primeiras escritoras dessa Ilha a apresentar em seus romances essas noções, uma vez que mistura, de uma maneira muito singular, a língua francesa escrita e a língua crioula, em uma junção que revela a força de sua produção, bem como as marcas culturais dessa região de língua francesa. Dessa maneira, identifica-se em sua obra uma especial perspectiva da ‘oralitura’, porque consegue reunir a escrita da língua oral ao eco da tradição antilhana, revelando a força da ancestralidade que deve ser passada de geração em geração. As expressões da memória ou dos jogos, como provérbios, canções e outros aspectos relativos ao oral estão presentes em diversas narrativas de autoras contemporâneas, tais como *Rosalie l'Infâme* (2003), de Evelyne Trouillot, ou *Le livre d'Emma* (2001), de Marie-Célie Agnant ou ainda *Krik? Krak* (1995), de Edwige Danticat, apenas a título de exemplo.

No entanto, para se chegar ao que se tem hoje como literatura e reconhecimento do lugar da mulher nessas literaturas, faz-se necessário fazer um *retour-en-arrière* (resgate de memória) e chegar aos anos de 1930 e 1940, quando em Paris, jovens antilhanos e africanos de língua francesa se encontravam e escreviam as primeiras páginas do que veio a ser o movimento da Negritude, amplamente conhecido pelo engajamento dos antilhanos. Todavia, sempre que esse movimento é evocado, não se vislumbra nele nenhuma mulher, deixando a impressão de que não houve participação feminina no movimento. Entretanto, as irmãs Paulette Nardal ao lado da bela Suzanne Césaire coadjuvaram nessa história, segundo argumenta a escritora e filósofa Tanella Boni (2014) em seu ensaio *Femmes en Négritude: Paulette Nardal et Suzanne Césaire*.

Boni (2014) resgata a cartografia da Negritude, nos anos de 1930 e 1940 e revela que enquanto os homens discutiam e construía o movimento, essas mulheres citadas lideravam discussões concernentes ao tema. Paulette Nardal, com o pensamento de raça, no mesmo tempo em que Suzanne Césaire pensava a mestiçagem:

Alguns elementos da biografia, bem como depoimentos relatados aqui e ali, pintam o retrato de “mulheres em negritude”: Paulette Nardal, pensadora da “consciência de raça” e Suzanne Césaire, defensora de um surrealismo que explora a experiência particular de cruzamento e de mestiçagem nas Antilhas. É de surpreender o silêncio delas após um período muito fértil em torno de duas críticas: *La Revue du monde noir* [*A Revista do mundo negro*] (1931-1932), que Paulette Nardal cofundou com outras e *Tropiques* [Trópicos] (1941-1945), espaço no qual Suzanne Césaire teve papel fundamental e publicou a maior parte de sua obra. (BONI, 2014, p. 62; aspas de Boni).⁹

⁹ Quelques éléments de biographie ainsi que des témoignages rapportés çà et là brossent le portrait de « femmes en Négritude » : Paulette Nardal, penseuse de la « conscience de race » et Suzanne Césaire, défenseuse d’un surréalisme qui explore l’expérience particulière de brassage et de métissage aux Antilles. On pourrait s’étonner de leur silence après une période très féconde autour de deux revues : *La Revue du monde noir* (1931-1932) que Paulette Nardal a cofondée avec d’autres et *Tropiques* (1941-1945) où Suzanne Césaire a joué un rôle de premier plan et publié l’essentiel de son œuvre. (BONI, 2014, p. 62).

Esse pensamento de conscientização da raça de Nardal foi fundamental para a construção do que se tem hoje como feminismo negro, muito embora tal terminologia tenha obtido maior visibilidade no nosso país apenas nos últimos anos com os trabalhos de Ribeiro (2018, 2019). A produção de Paulette Nardal é generosamente retomada pela pesquisadora dos estudos afro-americanos e da diáspora Tracy Denean Sharpley-Whiting (2000), que colocam Paulette e Jane como as principais fundadoras do feminismo negro, já nos idos de 1930.

Sobre esse tema, o renomado jornal francês *La Libération* publicou, em 26 de fevereiro de 2019, o artigo *Paulette Nardal, théoricienne oubliée de la négritude*, trazendo uma reportagem, escrita por Léa Mormin-Chauvac, a respeito do “esquecimento” de Paulette Nardal, com a seguinte lide: “Ocultada pela notoriedade dos fundadores oficiais do movimento literário e político como Senghor e Césaire, a jornalista e mulher das letras martiniquense teve atividade decisiva no período entre guerras para trazer à tona a ‘consciência negra’”.¹⁰ A referida reportagem faz emergir a desmemória relativa à eminente ação da jornalista martiniquense, realçando o livro de Philippe Grollemund (2019), intitulado: *Fiertés de femme noire – Entretiens /Mémoires De Paulette Nardal*. Grollemund iniciou os contatos com Paulette Nardal desde os anos de 1970 e, a partir dos diversos diálogos e entrevistas, a nomeou “Madrinha da Negritude”, mantendo contato com ela até o seu falecimento em 1985. O autor apresenta diversos fatos fundamentais para se compreender tal epíteto, como o fato de ser a primeira filha de sete irmãs (Paulette, Emilie, Alice, Jane, Lucy, Cécyl e Andrée), do primeiro engenheiro negro da Martinica. Aos 24 anos, em 1920, deixa seu país e o trabalho de professora, para fazer estudos anglófonos, tendo escolhido literatura; ela e sua irmã Jane, tornam-se as primeiras mulheres negras a estudarem na Sorbonne e ao lado de Jane e de outra irmã, Andrée, escrevem os artigos feministas que são estruturais para o feminismo caribenho e mundial, por extensão. Além do mais, é ela uma das primeiras pensadoras a construir as ideias do feminismo negro e de sororidade,

¹⁰ Occultée par la notoriété des fondateurs officiels du mouvement littéraire et politique comme Senghor et Césaire, la journaliste et femme de lettres martiniquaise a eu une activité décisive dans l’entre-deux-guerres pour faire émerger « la conscience noire » (MORMIN-CHAUVAC, 2019).

pois entende que alguns sentimentos como o de desenraizamento, por exemplo, é algo que é mais percebido pelo sentimento feminino:

Paulette Nardal também escreve sobre as reivindicações do “feminismo negro”, do qual ela é a figura de proa. Uma temporã feminista interseccional, Nardal acredita que, muito antes dos homens, que estavam bastante bem integrados socialmente na França continental, eram as mulheres antilhanas que sentiam a necessidade de solidariedade racial. Esse “sentimento de desenraizamento”, ela o crê mais especificamente feminino. (MORMIN-CHAUVAC, 2019).¹¹

No citado livro de entrevistas com a martiniquense, Grollemund (2019) revela que o fato de ser uma convicta feminista e antirracista, naturalmente, acarretou enormes problemas a ela e à sua família, tendo ela sofrido atentados, agressões verbais e físicas também.

Já no caso de Suzanne Césaire, esta tem reiteradas referências à sua inconfundível beleza, o que provavelmente seduziu um dois pais “oficiais” do movimento da Negritude, o poeta Aimé Césaire. Além disso, Suzanne é uma das pedras angulares do forjamento de uma Nova Literatura do Caribe, tendo publicado a maior parte de sua obra na *Revista Tropiques*, da qual foi cofundadora, no período entre 1941-1945, em que trazia “críticas mordazes à poesia caribenha tradicional e insípida que imitava e não inovava” (RABBITT, 2006, p. 538).¹² Tendo partido cedo (1915-1966), Suzane Césaire deixou uma produção memorável que revela uma inquietação com a necessidade de se construir uma literatura de identidade própria, retratando a identidade cultural antilhana.

O Movimento *Négritude* deve, em grande medida, o seu sucesso a essas importantes pensadoras que, além da vanguarda, travavam lutas políticas para galgar notoriedade, ora no círculo pan-africanista, ora também nas discussões feministas, protagonizado pelo domínio da burguesia branca e eurocêntrica.

¹¹ Paulette Nardal écrit également sur les revendications du «féminisme noir», dont elle est la figure de proue. Féministe intersectionnelle avant l’heure, Nardal estime que, bien avant les hommes, plutôt bien insérés socialement en métropole, ce sont les femmes antillaises qui ont ressenti le besoin d’une solidarité raciale. Ce «sentiment de déracinement», elle le croit plus spécifiquement féminin. (MORMIN-CHAUVAC, 2019).

¹² critiques of traditional, and insipid, Caribbean poetry that imitated rather than innovated. (RABBITT, 2006, p. 538).

A Paris daquele início das primeiras décadas do século XX, definitivamente, sentiu a fúria dessas intelectuais negras caribenhas, pensadoras da Diáspora, marcadamente, de expressão francófona (NASCIMENTO, 2016, p. 17).

O argumento acima instiga e denuncia uma realidade da qual não nos damos conta, na maioria das vezes. Ora, se hoje, ainda há muitos comportamentos misóginos de homens e de mulheres também, o que dizer de quase um século atrás?

Antes, porém, de deixarmos estas mulheres que construíram a literatura antilhana tal como é hoje, é imprescindível ainda citar Capecia Mayotte (Martinica, 1928-1953), Michele Lacrosil (Guadalupe, 1915-2012) e Jacqueline Manicom (Guadalupe, 1938-1976), uma tríade de romancistas que tem no cerne de sua obra a busca por identidade e a preocupação com o lugar da mulher negra na sociedade caribenha, sempre evocando a exclusão social no binômio grupo negro e grupo branco (PARAVISINI-GEBERT, 1992).

O resgate da história da literatura antilhana é fundamental para compreender o que fazem hoje Maryse Condé e Yanick Lahens; a primeira é, sem sombra de dúvida, a principal escritora antilhana contemporaneamente, haja vista a sua abundante e fecunda obra. Ademais, pode-se dizer que, pelo seu percurso de escrita, já vivenciou diversos períodos da literatura de seu país e região. A segunda representa a literatura de língua francesa contemporânea não só por sua qualidade romanesca, mas também por ensaios e artigos acadêmicos sobre escritores antilhanos e sobre as literaturas de língua francesa. Ambas são romancistas premiadas e ensaístas, cujos textos são fundamentais para se pensar uma literatura “dita francófona” antilhana neste momento do século XXI, como veremos na sequência deste texto.

3.1 Em literatura escrita “em Maryse Condé” e uma luta pela descolonização

Maryse Condé, nascida em Pointe-à-Pitre, em 1937, é autora de uma vastíssima obra,¹³ na qual podem ser encontrados diversos ensaios. No primeiro, publicado em 1973, na revista *Négritude africaine*,

¹³ Como já citado anteriormente, o site *Ile-en-ile* é um dos espaços mais completos para se conhecer escritores e escritoras dos mares de língua francesa. A página de Maryse

négritude caraïbe, intitulado “Pourquoi la Négritude ? Négritude ou Révolution”, a autora já demonstra seu engajamento político e social, a tônica na sua produção e enquanto mulher escritora. Logo, pode-se reiterar que sua experiência de vida em continentes diferentes foi fundamental para a construção de sua obra. Deixando o seu país, chegou a Paris, para os estudos no Liceu Fénelon e, posteriormente, na Sorbonne, em literatura comparada; na África, vivendo na Guiné, Gana e Senegal, construiu o romance que veio a ser considerado a sua obra-prima, *Ségou* (1987); na América do Norte, trabalhou como professora em diversas universidades nos Estados Unidos, aposentando-se em 2005, pela Universidade Columbia, em Nova York, e retornou ao seu país, onde vive entre Guadalupe, Estados Unidos e Europa.

Por certo, toda essa vivência deu à autora um discernimento que contribuiu para a formação do pensamento de base, sobretudo, em relação à negritude e ao feminismo, além da própria escrita enquanto fazer literário e como escritora do mundo, pensando-se na escrita configurada em uma marca que poderia ser a identitária de uma região, o que para ela não se representa em um axioma, pois diz: “Amo repetir que não escrevo nem em francês, nem em crioulo. Mas, em Maryse Condé. Hoje, percebo que nunca me fiz esclarecer sobre o tema” (CONDÉ, 2007, p. 205).¹⁴ Essa afirmativa, que segundo ela é também uma teoria, é retomada em diversas outras ocasiões como em ensaios e entrevistas, a exemplo da concedida a François Simasotchi-Bronès (2013):

Para mim, não há “língua francesa”, não há “língua crioula”, há a língua do escritor, a língua de cada um. Eu não faço “do bom” para a língua francesa. Não escrevo a “bela língua francesa”, escrevo a língua de Maryse Condé, que certamente é uma mistura do francês, mas também de outras coisas. De maneira que não pode ser definida simplesmente como “língua francesa”. Cada escritor cria sua língua. Não existe língua materna para um escritor,

Condé é: <http://ile-en-ile.org/conde/>. O site pessoal da escritora é: <http://geraldine.logeais.free.fr/siteMC/biographieintegrale.html>.

¹⁴ J’aime à répéter que je n’écris ni en français ni en créole. Mais, en Maryse Condé. Je m’aperçois aujourd’hui que je ne me suis jamais clairement expliqué là-dessous. (CONDÉ, 2007, p. 205).

porque um escritor forja sua língua na medida que tem algo a dizer (CONDÉ, 2013, p. 185).¹⁵

Trata-se, pois de um argumento iterado em todo o conjunto da obra de Condé, em especial, quando é ressaltada a sua escrita singular como uma característica da literatura antilhana, o que para ela é a verdade, haja vista que cada escritor forja a sua própria escritura, ao utilizar a língua que lhe é individual. Ademais, a própria autora recusa-se a aceitar que escreve em uma única língua; e, nesse ponto, a sua obra parece representar a literatura antilhana, nos moldes descritos por especialistas como Semujanga (2006) e Chancé (2005), levando-se em conta as peculiaridades da literatura em todo o mar do Caribe e sua ‘oralitura’, desde a sua origem com os békés. Na sua fala, é bem clara a ideia de uma teoria nomeada *Maryse Condé*, ao afirmar que é nessa língua que escreve. Esse é um caminho exclusivo, pois a partir das diversas experiências, ela traz em sua ficção a dor de seus ancestrais, a exemplo de *Ségou* (1987) ou *Tituba* (1986), dentre muitos outros, fazendo permanecer viva a memória, os valores socioculturais e a força de gerações passadas a partir dessa língua tão própria, tão “Maryse Condé”. Neste ponto, deve-se trazer à baila o tradicional *La Défense et illustration de la langue française*, de Joachim Du Bellay (2009 [1549]), um dos principais ensaios a fazer da língua francesa, a língua da filosofia, da literatura, da beleza e da clareza. Ora, ao afirmar que não escreve na famosa *belle-langue*, de Du Bellay, e, sim, na língua de Maryse Condé, a autora reafirma o seu compromisso com a sua própria escrita, no que se pode entender uma transgressão necessária para construção dessas letras antilhanas, como são conhecidas hoje.

¹⁵ Pour moi, il n’y a pas de “langue française”, il n’y a pas de « langue créole », il y a la langue de l’écrivain, la langue de chacun. Je ne fais pas « du bien » à la langue française. Je n’écris pas de la « belle langue française », j’écris la langue de Maryse Condé qui est un mélange de français certainement, mais aussi d’autres choses. De sorte qu’elle ne peut pas se définir simplement comme « langue française ». Chaque écrivain crée sa langue. Il n’y a pas de langue maternelle pour un écrivain, car un écrivain forge sa langue à la mesure de ce qu’il a à exprimer (CONDÉ, 2013, p. 185).

3.2 Yanick Lahens: corpo que queima ou o que ateia o fogo?

A presença de Maryse Condé nas letras antilhanas é, hoje, referência para todas as que vêm depois; como em Yanick Lahens, autora de uma frutuosa ficção¹⁶ e também de ensaios, dentre os quais, destacamos “Littérature haïtienne. Urgence(s) d’écrire, rêve(s) d’habiter”, proferido em sua aula inaugural do dia 21 de março de 2018, no Collège de France. Sob o nosso prisma, um dos argumentos que mais chama a atenção nesse discurso é o relato a respeito de sua experiência como estudante na França, ouvinte nessa mesma prestigiosa instituição. Ressaltando que agora se via do outro lado e resgatando aulas de Barthes sobre o quanto a literatura é capaz de semear dúvidas, lembra-se do ciclo consagrado a Jules Michelet e traz à tona a *Sorcière*. Nesse contexto, recupera a memória dos seus 18 anos de idade, nas referidas aulas, e entre reflexões sobre a Revolução Francesa e a Revolução Haitiana, afirma: “Entendi então por que, nesse romance atípico de Michelet, me senti imediatamente do outro lado, do lado dos corpos que queimavam e não do lado da mão que colocava fogo na lenha. Eu era a diferença” (LAHENS, 2019, p. 12).¹⁷

Nesses resgates de memória, a autora trabalha uma emblemática imagem da relação entre a França e o Haiti, que é lida na História revolucionária que ainda hoje marca o seu país, desde o fato de ser o primeiro do mundo a lutar por sua independência, e consegui-la a custo de muito sangue e do forjamento de grandes heróis, a exemplo de Touissant-Louverture, (capturado em 1802), até o fato de ser um dos países com os piores IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) em todo mundo; e, ainda, por suas características geográficas com falhas geológicas capazes de provocar enormes danos, tais como o do sismo de 2010. Tais elementos são fontes inspiradoras para a ficção e também para a poética do Haiti. A própria Lahens publicou a narrativa *Failles* (2010),¹⁸ em que

¹⁶ Página de Yanick Lahens no site Ile-en-ile é: <http://ile-en-ile.org/lahens/>.

¹⁷ Je compris alors, pourquoi, dans ce roman atypique de Michelet, je m’étais sentie d’emblée de l’autre côté, du côté des corps qu’on brûlait et non du côté de la main qui mettait feu au bûcher. J’étais la différence. (LAHENS, 2019, p. 12).

¹⁸ Obra traduzida para o português brasileiro pelo embaixador Sérgio Duarte. O título *Falhas* já sugere tal natureza, indicando o sismo de 12 de janeiro, com o movimento de placas tectônicas. Uma história real que se transformou em uma enorme tragédia humanitária.

ratifica o valor da localização geográfica como um elemento que instiga e movimentava o escritor do país.

Na aula inaugural, (aqui: discurso ou ensaio), ela faz um resgate da literatura haitiana, passando por diversos escritores que simbolizam a História desse país e reforça que para o povo, tal História de luta, resistência e rebelião parecem habitar no imaginário coletivo, sendo os elementos da natureza uma resposta para essa transgressão: “Para além de uma estética de decadência, do desencanto ou catástrofe, escritores e escritoras obstinados e tranquilos, vivem este tempo ou a partir de então a esperança não é mais uma resposta certa...” (LAHENS, 2019, p. 68).¹⁹ Assim, o discurso iniciado com a bruxa, de Michelet, inquietando a garota haitiana, dá lugar à escritora reconhecida e inquieta com questões voltadas para a sua situação em um país que busca o *nous* para construir uma identidade que, para ela, deve ser a descolonizada. O sentimento de bruxa na fogueira ou de ex-colônia precisa ser desfeito a fim de se construir uma identidade crioula, livre inclusive das marcas da natureza que alimentam o sentimento de derrota deixado pelos fenômenos naturais.

Neste ensaio, Lahens reitera a necessidade de restituir a História de seu país; logo, de sua literatura, com elementos próprios, criando/escolhendo as suas próprias palavras, como aponta no poeta George Castera (1992 *apud* LAHENS, 2019, p. 65):

as palavras nos escolhem
porque somos únicos
o pão em si
é a verdade gritante de uma falta²⁰

Com essa escolha, esta escritora faz eco à teoria de Maryse Condé (2007), uma vez que cada escritor faz as suas escolhas linguísticas. E, para as duas autoras, essa é uma forma de descolonizar, de ser independente,

¹⁹ Au-delà d’une esthétique du délabrement, du désenchantement ou de la catastrophe, écrivains et écrivaines, obstinés et tranquilles, habitent ce temps ou désormais l’espoir n’est plus une réponse sûre...(LAHENS, 2019, p. 68).

²⁰ les mots nos choisissent
parce que nous sommes seuls
le pain lui-même
est l’éclatante vérité d’un manque

afastando-se da História mnemônica dos 18 anos e fortalecendo a História da literatura que ela, Yanick Lahens escreve hoje aos 66 anos. No seu dizer, o corpo de sua comunidade linguística não deve mais se deixar queimar, é necessário encontrar caminhos que deem suporte aos jovens escritores para se sentirem orgulhosos por serem antilhanos, como quis o movimento da Negritude, há quase 100 anos.

São essas vozes femininas, portanto, algumas das mais significativas na atualidade da produção literária de língua francesa nas Antilhas, a julgar pela importância de suas produções, tanto no que diz respeito à crítica, quanto ao vasto público que alcançam em seus países e fora deles. São vozes que revelam uma significativa resistência diante da necessidade da construção da identidade antilhana na sua complexidade e completude, podendo ser compreendidas como vozes transgressoras.

Em busca da conclusão

Em busca de concluir as estas reverberações, neste artigo, cremos ter apresentado a importância de vozes femininas de língua francesa na literatura antilhana. Vislumbramos ter trazido um aporte igualmente para a crítica literária, uma vez que destacamos a presença de nomes “esquecidos”, contudo, basilares para movimentos como o reconhecido feminismo negro, dando-se enfoque às irmãs Paulette e Jane Nardal, à Suzanne Césaire e de modo particular, às escritoras Maryse Condé e Yanick Lahens.

A fim de apresentar esta contribuição, inicialmente, trouxemos um breve histórico da literatura antilhana considerando-se que esta contou com uma significativa diversidade cultural iniciada com a presença dos békés, colonos franceses que relatavam a beleza das ilhas. Porém, destaque-se que as marcas locais ocupam seu espaço com as *Lettres Créoles* (1999) dos autores martiniquenses Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant e, então, foi possível observar a oralitura ganhar forças na região. Ressaltamos que há autores e autoras que escrevem em uma língua que mescla o francês e a oralidade *créole*; um exemplo muito vivaz dessa produção quem oferta ao leitor é Simone Schwarz-Bart. As autoras que destacamos nestas ponderações, Maryse Condé e Yanick Lahens, também utilizam dessa escrita, pois além de ser marca da região, reafirma-se como marcas peculiares dessas autoras.

Sob o nosso ponto de vista, essas duas escritoras são atualmente porta-vozes da literatura antilhana de língua francesa, porque revelam, de modo incontestável, contribuições para a construção de uma literatura peculiar, resistindo a uma História que não deu voz às mulheres que sempre resistiram de maneiras diversas, sobretudo, transgredindo, indo de encontro ao estabelecido historicamente.

Mas, para concluir, é necessário lembrar que em uma profícua página da literatura produzida por mulheres, a antologia *Terre de femmes: 150 ans de poésie féminine en Haïti*, é possível ler poemas escritos por poetisas haitianas que não são conhecidas por um público suficientemente grande. Isso ratifica que na literatura não deveria haver homem ou mulher, deveria haver apenas seres humanos, como afirma o poeta Doucey (2010), responsável pela citada antologia. Há que reiterar que o espaço reservado às mulheres na literatura é ainda tímido, por isso, existe a necessidade de se discutir o assunto e regatar memórias, não obstante décadas de discussões.

Pensar nas literaturas antilhanas por esse olhar é pensar que os corpos linguísticos e literários, nos corpos negros, corpos femininos, e, em especial, os corpos femininos negros, que têm contribuído para uma literatura antilhana muito própria, dada a sua perspectiva de inovar com elementos locais, imprimindo especificidades das ilhas. De fato, a literatura antilhana permanece em construção: “As passarelas são constantes, as quais veem fluxos circularem em várias direções” (CHEMLA; CONSTANTINI, 2007, p. 7).²¹ Essas literaturas ainda se constituem em um fecundo espaço para pesquisas, resgate, de modo muito especial, em um momento em que o mundo reconhece que “Vidas negras importam”.

As autoras aqui evocadas também representam corpos. Mesmo se pensarmos em contexto de Brasil, é expressivo refletir pela ótica de Yanick Lahens: de que lado estou? Daquela que queima ou da que põe o fogo? Resgatar a História de feministas de primeira hora, pôr em destaque a obra de mulheres que escrevem a História de países que estão em constante descolonização e em construção é tarefa que cabe a quem estuda literatura também. Pôr um fim à desmemória, que deixou de lado feministas como Paulette e Jane Nardal e Suzanne Césaire, é

²¹ Les passerelles sont constantes, qui voient des flux circuler dans plusieurs directions (CHEMLA, 2007, p.7).

tão fundamental quanto lembrar e festejar “os pais” de movimentos como o da Negritude, que ainda ressoa nos nossos dias e que ainda nos arrebatava tanto. Hoje, Maryse Condé e Yanick Lahens podem ser entendidas como grandes representatividades das letras antilhanas no feminino, pois os seus argumentos configuram-se em um registro que marca que a História é contínua; é necessário continuar na pavimentação da escrita anteriormente iniciada. Com os caminhos abertos, cabe ao leitor, ao professor e ao estudante de literatura segui-lo!

Mas, como o presente texto não é um manifesto, embora ocupe certo lugar de fala, este pretende deixar claro, em língua portuguesa – com excertos de textos traduzidos – que há uma História feminina de construção constante e de resistência contínua; o que pode ser, para alguns, pura transgressão e se assim for entendido, que se continue “desobedecendo”. Assim, retomamos o nosso título que faz alusão à resistência, à construção e à transgressão nas vozes femininas na literatura do mar do Caribe e reafirmamos a importância dessas escritoras como protagonistas na construção de uma literatura antilhana de língua francesa, resistindo e transgredindo.

Mas, quem disse que a transgressão não é necessária na (re) construção?

Referências

ADAMSON, G. Préface. In: RINNE, S.; VITIELLO-YEWELL, J. *Elles écrivent des Antilles*. Paris: L’Harmattan, 1997.

BONI, T. Femmes en Négritude: Paulette Nardal et Suzanne Césaire. *Revue Descartes*, Paris, v. 4, n. 83, p. 62-76, 2014. DOI: <https://doi.org/10.3917/rdes.083.0062>. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2014-4-page-62.htm>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CHAMOISEAU, P.; CONFIAINT, R. *Lettres créoles: Tracées antillaises et continentales de la littérature*. Haïti, Guadeloupe, Martinique, Guyane (1635-1975). Paris: Gallimard, 1999.

CHANCÉ, D. *Histoire des littératures antillaises*. Paris: Ellipses, 2005.

CHEMLA, Y.; CONSTANTINI, A. *Le roman haïtien: intertextualité, parentés, affinités*. Revue Semestrielle sur les Cultures et Littératures d’Expression Française. Lecce: Alliance Française de Lecce, 2007.

CONDÉ, M. Entretien avec Maryse Condé : « Écrire d'un lieu travesti ». In: SIMASOTCHI-BRONÈS, F. (org.). *Maryse Condé en tous ses ailleurs*. Paris: Editions L'improviste, 2013. p. 179-197.

CONDÉ, M. *La parole des femmes. Essai sur des romancières des Antilles de la langue française*. Paris: L'Harmattan, 1993 [1979].

DOUCEY, B. *Terre de femmes: 150 ans de poésie féminine en Haïti*. Paris: Éditions Bruno Doucey, 2010.

DU BELLAY, J. *La Défense et illustration de la langue française*. Paris: L'Angelier, Arnoul, 2009 [1549].

GROLLEMUND, P. *Fiertés de femme noire – Entretiens /Mémoires De Paulette Nardal*. Paris: Editions L'Harmattan, 2019.

HEERS, J. *La découverte de l'Amérique*. Paris: Éditions Complexe, 1991.

LAHENS, Y. *Falhas*. Tradução de Sérgio Duarte. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

LAHENS, Y. *Littérature haïtienne. Urgence(s) d'écrire, rêve(s) d'habiter*. Paris: Collège de France/Fayard, 2019. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.cdf.7261>

MORMIN-CHAUVAC, L. *Paulette Nardal, théoricienne oubliée de la négritude*. La Libération, France, 26 février 2019. Disponível em: https://www.liberation.fr/debats/2019/02/26/paulette-nardal-theoricienne-oubliee-de-la-negritude_1711727. Acesso em: 28 fev. 2019.

NASCIMENTO, R. O. Femmes en négritude: intellectuais negras silenciadas. *Entre-Lugar*, Dourados, v. 7, n. 13, p. 10-20, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/6634/3698>. Acesso em: 15 mar. 2020.

PARAVISINI-GEBERT, L. Feminism, Race, and Difference in the Works of Mayotte Capécia, Michèle Lacrosil, and Jacqueline Manicom. *Callaloo*, Baltimore, v. 15, n. 1, 1992, p. 66-74. DOI: 10.2307/2931400. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2931400?seq=1>. Acesso em: 10 jun. 2020.

RABBITT, K. M. Suzanne Césaire's Significance for the Forging of a New Caribbean Literature. *The French Review*, Marion, IL, v. 79, n. 3, p. 538-548, Feb. 2006.

RINNE, S.; VITIELLO-YEWELL, J. *Elles écrivent des Antilles*. Paris: L'Harmattan, 1997.

SEMUIJANGA, J. Panorama des littératures francophones. In: NDIAYE, C. *Introduction aux littératures francophones*. Presses de l'Université de Montréal: Québec, 2004. p. 9-62.

SHARPLEY-WHITING, T. D. Femme négritude: Jane Nardal, La Dépêche africaine, and the francophone new negro. *Souls*, Chicago, IL, v. 2, n. 4, 2000, p 8-17. DOI: <https://doi.org/10.1080/10999940009362232>. Disponível em: <http://www.columbia.edu/cu/ccbh/souls/vol2no4/vol2num4art1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

Recebido em: 30 de junho de 2020.

Aprovado em: 11 de setembro de 2020.